



ESCOLA DE  
HUMANIDADES

## LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1-9, out.-dez. 2020

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2020.4.37525>

SEÇÃO: ENTREVISTA

### Entrevista com o Prof. Dr. Francisco Wellington Borges: reflexões sobre o letramento digital, leitura e a nova BNCC

*Interview with Prof. Francisco Wellington Borges Gomes: reflections about digital literacy, reading and the new BNCC*

**Leidiane Maria**

**Magalhães Nascimento<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-0964-2416](https://orcid.org/0000-0003-0964-2416)

[leydymagna@hotmail.com](mailto:leydymagna@hotmail.com)

**Lígia Alencar Pacífico**

**Barreto<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-5632-7190](https://orcid.org/0000-0001-5632-7190)

[ligiaapbarreto@hotmail.com](mailto:ligiaapbarreto@hotmail.com)

**Juscelino Francisco do  
Nascimento<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-7090-2876](https://orcid.org/0000-0001-7090-2876)

[juscelinosampa@hotmail.com](mailto:juscelinosampa@hotmail.com)

**Recebido em:** 31/3/2020.

**Aprovado em:** 3/9/2020.

**Publicado em:** 21/12/2020.

O professor Francisco Wellington Borges Gomes é doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2010), mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (2006), especialista em Língua Espanhola (2016) e em Língua Inglesa (2003) pela Universidade Estadual do Piauí e graduado em Letras/Inglês pela mesma instituição (2011). Atualmente, é professor adjunto da Coordenação de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Piauí e professor permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Seus principais campos de pesquisa são as relações entre linguagem e tecnologias, multimodalidade, tradução audiovisual, ensino de línguas e formação de professores.

O advento das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) tem instaurado inúmeros desafios em nossa sociedade. Dessa forma, as relações humanas estão sendo modificadas devido às transformações oriundas da cultura digital, uma vez que, na vida pessoal, no trabalho, na escola, as pessoas estão em contato com as TDIC.

Considerada a primeira agência de letramento, a escola enfrenta o desafio de adequar sua prática pedagógica a fim de atender às demandas sociais dos alunos. Isso acontece porque, fora do contexto escolar, os alunos exercem práticas sociais de letramento que envolvem leitura e escrita em ambientes digitais, usando os mais variados suportes. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe a inserção das TDIC na sala de aula, com o objetivo de desenvolver habilidades e competências por meio do letramento digital. A BNCC traz orientações relacionadas ao uso das TDIC, de modo que cabe aos professores utilizar os recursos digitais disponíveis para promover a construção da competência leitora voltada ao reconhecimento, análise e compreensão de textos multimodais (linguagem verbal e não verbal) e multissemióticos (imagens, cores, *links*, hipertextos, recursos audiovisuais etc.). Uma



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

das ferramentas que o professor pode usar em sala de aula é o celular, o qual tornou-se uma peça fundamental para comunicação humana, devido ao atual contexto da pandemia do novo coronavírus, que impôs o distanciamento social como medida de segurança.

Para a construção deste trabalho, fizemos uma entrevista com um professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI) vinculado à graduação e à pós-graduação. As perguntas foram enviadas por escrito, por meio de um aplicativo de mensagens, sendo as respostas, remetidas pelo mesmo aplicativo, em formato de áudio. A entrevista foi concedida em 2 de novembro de 2019.

**Uma de suas publicações, intitulada *Tecnologias e Propiciamentos de Contatos Linguísticos: Reflexões sobre o papel das TICs no aprendizado de língua estrangeira*, aponta que, com a popularização de novos conceitos de letramento, há necessidade de a escola se abrir para as novas possibilidades de educação, devido às mudanças estruturais nas formas de ensinar e de aprender possibilitadas pelas tecnologias. Como a escola pode inserir o letramento digital, preconizado pela nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC)?**

É..., na verdade, isso precisa realmente ser algo bastante pensado e planejado, porque você menciona aqui o livro, e, aliás, é um artigo. E uma coisa que a gente sabe é que as pessoas tendem a ver a inclusão digital ou o letramento digital somente como a aquisição de equipamentos. É essa a visão mais comum que se tem, inclusive em escolas e programas educacionais. Então, a gente vê, por exemplo, na história do País, os últimos programas governamentais de inserção de tecnologias digitais, como o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), por exemplo, que teve seus desdobramentos. Anteriormente, nós tivemos programas, como a TV Escola, que colocavam TVs nas escolas e, mais recentemente, desde os anos 2000, nós temos o ProInfo, que disponibiliza laboratórios de informática nas escolas e que promove a aquisição de *tablets* para professores, que já participaram, que já foi um instrumento

para aquele projeto: um computador por aluno. Também, há quase uma década, há alguns anos, não sei ao certo, mas quase uma década, mais ou menos, era um computador por aluno, que recebiam computadores pessoais e tal. O ProInfo é um dos, digamos, instrumentos políticos, administrativos do Governo Federal para inclusão digital, e ele tem realmente gasto ou dispendido uma série de recursos financeiros para isso, mas o problema é que o foco estava sempre ou está sempre na aquisição de equipamentos. Então o que a gente tem aí, na verdade, é um programa que compra computador, que compra *tablets* e que equipa as escolas, mas, ao mesmo tempo, esquece de alguns elementos que são essenciais, que é a preparação do professor e do aluno para isso. Então, se presume nesses programas que simplesmente colocar computador nas escolas vai resolver todos os problemas, e aí você esbarra em uma série de outros questionamentos, como, por exemplo: os professores que muitas vezes não se identificam com esse tipo de equipamentos, porque eles acham que não sabem usar. E, realmente, a maioria deles não vêm de uma tradição em que esses equipamentos são usados para o ensino. Então, eles sabem até usá-los em casa, para navegar em redes sociais, para fazer pesquisa, mas eles têm sempre a sensação de que não sabem usar isso em sala de aula, isso já é um entrave. A outra é a própria visão que os professores têm dessas tecnologias: como elas não são algo natural da sala de aula ainda para eles, elas não estão lá inseridas nem para os professores nem para os alunos, então é difícil que esses professores passem a incorporar esses equipamentos, essas tecnologias nas suas práticas. E aí a gente vê o que vê, os resultados que nós temos: laboratório nas escolas, mas nós temos, ao mesmo tempo, os professores que não usam, ou diretores que não permitem que esses laboratórios sejam usados, dentre várias outras coisas. Portanto, para inserir esse letramento digital nas escolas, a primeira coisa é o despertar de uma consciência do professor. Em consequência disso, também, uma consciência dos alunos. Acredito que primeiro tem que trabalhar com o professor, porque se a

gente, simplesmente, despertar a consciência dos alunos e não dos professores, a gente vai incorrer nos mesmos conflitos de sempre, e os alunos pedindo, querendo ou tendo demandas que os professores não conseguem atender. E aí surge aquele conflito de o aluno achar que o professor não me atende, a aula do professor não é interessante, não se direciona a mim, não serve pra nada. Muitas vezes, a gente escuta isso na escola. Ressalto a importância de trabalhar com o professor, mostrar para ele, por exemplo, possibilidades didáticas, pedagógicas, tentar conscientizá-lo de que as tecnologias estão em todos os lugares e que é preciso incorporá-las ao ensino para que a gente possa preparar os alunos para a vida real, para situações de vida real. Os professores mesmos usam as tecnologias praticamente para tudo hoje em dia. Eles são pessoas conectadas, isso independentemente de idade, de contexto, como qualquer cidadão, ou quase todo cidadão hoje em dia. A gente não pode ignorar que algumas pessoas não tenham ainda acesso, e isso é fato.

**A BNCC estabelece que a língua inglesa deve ser contextualizada nas práticas de linguagens nos diversos campos de atuação, permitindo a exploração do inglês na cultura digital, nas culturas juvenis, em estudos e pesquisas, bem como a ampliação de suas perspectivas em relação à vida pessoal e profissional. Com base nisso, como podemos proporcionar uma aproximação e uma integração com grupos multilíngues e multiculturais para que nossos alunos possam, através desse contato, se comunicar em inglês com diferentes repertórios linguístico-culturais?**

Eu meio que discuto sobre isso, porque a proposta da BNCC em relação ao contato linguístico e à exploração de contatos com culturas diversas, ela não é nova. Essa é uma proposta que já está lá desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Essa ideia de que a língua estrangeira tem que ser ensinada em contextos reais de comunicação é uma discussão da Linguística aplicada desde os anos 1980, que diz que a língua só tem sentido quando ensinada em contextos reais de

comunicação, contextos autênticos de comunicação e de interação. Então, desde os PCN, já é uma discussão frequente a ideia de que o aluno, mesmo quando ensinado somente a ler textos, ele precisa ter contato com textos reais, autênticos, produzidos por falantes reais da língua e daí por diante, para que se quebre essa ideia de que a aula de língua estrangeira é uma aula artificial, que é uma aula que está fora do contexto real, que está fora da realidade dos alunos, especialmente, porque, muitas vezes, aqueles alunos não estão inseridos naquela cultura. Os alunos brasileiros que aprendem inglês têm poucas ou tinham poucas oportunidades de vivenciar aspectos culturais da língua. A ideia era que a sala de aula ensinava a língua, mas, muitas vezes, não ensinava a cultura, porque esses contatos que o aluno tinha com a língua em uso, com as amostras de língua que eram usadas em sala de aula, eram descontextualizados, estavam fora de um contexto cultural maior de situações comunicativas mais amplas e tal. Desde os anos 1990, os PCN já sugerem isso, que a língua tem que ser ensinada em um contexto real e comunicativo, certo? Com os anos 2000 e o crescimento da *internet*, esses contextos reais e comunicativos passaram a ser não presenciais. Então, nos anos 1990, nós temos ali, a partir da metade dos anos 1990, a chegada da *internet* no Brasil, e aí novas possibilidades foram se abrindo, enquanto, no início dos anos 1990, a ideia era que esses contextos reais seriam a interação face a face com o professor na sala de aula que traria, talvez, alguns materiais que refletissem a língua. Mas era o professor essa pessoa que estaria responsável por promover esse contato linguístico, já que ele era a fonte de contato, digamos assim. O aluno tinha contato com a língua pelo professor e por alguns materiais. A interação viria do professor, isso nos anos 1990. Nos anos 2000, com o crescimento e popularização da *internet*, se viu que essa interação não ocorre necessariamente só pelo professor, porque a *internet* permitiu que as interações se potencializassem. Desse modo, os alunos fora da sala de aula passaram a ter uma gama de oportunidades de contato linguístico, seja por *e-mail*, seja por redes sociais, seja por

*blogs*. Então, eles passaram a ter um contato maior com a língua e com oportunidades de interação também mais efetivas, mais eficazes que poderiam permitir e fazer com que eles aprendessem a língua não só por meio do professor. Portanto, quando a BNCC sugere que esse contato deve ser contextualizado e que deve considerar a cultura digital, na verdade, o que ela está referenciando é a situação atual; é que a *internet* está em todos os lugares; que ela é, mais do que outros meios, uma fonte de contato linguístico. Quer dizer que os alunos, independentemente do professor, podem ter contato com pessoas de outras culturas, não só do inglês, várias outras culturas, e o que o professor pode fazer é inserir isso em suas aulas, porque o contato vai ocorrer independentemente do professor, e o aluno é cada vez mais autônomo. O professor não tem mais esse controle sobre o que o aluno vê ou que contato ele tem, porque o professor controla a sala de aula, mas a vida do aluno, ele não controla. Então, quando sai da sala de aula, um adolescente, por exemplo, vai para as redes sociais, assiste a filmes, joga videogames, às vezes, se envolve em outras situações de interação e isso, muitas vezes, não com a língua estrangeira. Não é à toa que nós vemos aí muitos adolescentes, por exemplo, que têm se envolvido muito agora com a cultura coreana. Muitos adolescentes interessados em aprender o coreano; adolescentes que nunca fizeram curso de coreano e que acabam conhecendo de certa forma a língua, alguns inclusive se tornam tradutores não oficiais, não é? Estão traduzindo séries e tudo mais. A mesma coisa com o inglês, o número de relatos de pessoas que aprendem o inglês por meio dos videogames é enorme. Muitos, muitos jovens hoje em dia declaram, e realmente aprendem. Eles conseguem interagir com as outras pessoas, eles conversam usando a língua inglesa. Isso é resultado dessas interações linguísticas que vão ocorrer independentemente do professor. O que a BNCC sugere é que o professor incorpore isso também em suas aulas, porque a ferramenta está ali, ela existe. O fato de o professor ignorar, ou se ignorar, essas possibilidades, ele continua fazendo com que sua aula

fique descontextualizada de contextos culturais e reais. Então, o aluno percebe claramente que a aula de inglês, nesse caso, se esses elementos não são incorporados à aula, que a aula de inglês não leva a muitos resultados se ela está isolada, se ela está descontextualizada. Muitas vezes o aluno diz: "olha tem um aplicativo para aprender língua estrangeira, e eu aprendo muito mais do que na aula de inglês". Por que essa percepção vem para o aluno? Porque o professor da aula de inglês continua fazendo coisas ou continua trazendo oportunidades de interação muito pequenas, porque ele está preso ainda a materiais que não permitem essa interação tão intensa. Enquanto o aluno em um aplicativo, o aluno em um computador, o aluno em uma rede social, ele tem essa oportunidade de interação, ele tem contato com os usuários da língua, não é? E que fazem, talvez, com que eles aprendam muito mais rápido, de forma mais significativa, essa é a percepção. E a BNCC, nesse aspecto, referencia isso. O que ela está dizendo para os professores é que eles têm que incorporar essas atividades e esses elementos, porque eles já são usados pelos alunos, e a própria teoria de aquisição de línguas referencia esse contato, o contato linguístico como um dos instrumentos por meio do qual os alunos desenvolvem a proficiência na língua.

**Enquanto professores, como poderíamos explorar o celular e a internet na sala de aula, a fim de formar cidadãos capazes de participar de uma nova cultura, definida por Lévy (1999) como cibercultura, transformando-os em cibercidadãos diante de um panorama ainda pouco produtivo da inserção das TDIC na sala de aula?**

Eu vou retomar algumas coisas que eu falei na primeira pergunta, porque a ideia é que esses equipamentos, esses recursos, devem ser incorporados de maneira crítica. Esse é o princípio do letramento digital. Digamos que o letramento digital tem níveis, e a própria teoria do letramento, se é que a gente pode chamar de teoria – eu. Eu estou usando como termo geral, porque muita gente inclusive critica que a gente

chame letramento de teoria; é só uma forma de me referir a ela agora. Mas a ideia de letramento não está dissociada de crítica, pelo menos não no Brasil, por isso, quando o letramento chegou ao Brasil, ele chegou associado à reflexão crítica, até porque tinha um termo que se referia ao domínio da língua escrita, que não era necessariamente crítico, que era a alfabetização. O letramento veio como uma oposição à alfabetização por isso, porque envolvia a reflexão crítica. Então o letramento, a meu ver, é necessariamente crítico, enquanto a alfabetização não precisa ser crítica. O letramento digital acaba incorrendo nisso: ser letrado digital é saber usar as tecnologias de forma crítica. O que seria então essa criticidade? Ser capaz de avaliar e de usar esses recursos de uma forma a fazer alguma mudança na minha vida ou na vida de alguém. É usá-lo de acordo com os meus propósitos. É avaliar, medir, calcular, planejar, pensar, raciocinar, dentre essas várias coisas que envolvem letramento e que envolvem a nossa inserção no mundo social, como a própria ideia de letramento diz. Inserir o letramento na sala de aula para que torne os alunos cidadãos críticos é usar essas tecnologias não simplesmente por usar. Não é simplesmente ensinar a ligar computador; simplesmente ensinar, por exemplo, o que é um *e-mail*. Quais são as partes de um *e-mail*? Como se manda um *e-mail*? Não é isso. Não é ensinar, por exemplo, a manusear o *Whatsapp*. É claro que, a partir da técnica, digamos assim, o uso também faz parte, porque alguns aspectos até no próprio letramento escrito tradicional, muitas vezes, eu chego na crítica, uma vez que eu domino o código. A gente sabe que não necessariamente eu posso chegar à crítica sem dominar o código; eu posso ser crítico e letrado sem dominar o código. Claro, posso também fazer isso. Mas, no letramento digital, essa criticidade não está só ligada ou não está ligada necessariamente ao saber ligar a máquina, ao saber manusear a máquina em termos técnicos, mas no como usar a máquina? Para que usar a máquina? Então, um exemplo de letramento crítico digital seria ensinar aos alunos como usar as redes sociais, não no sentido de

mandar mensagens, escrever texto, não, mas quais aspectos culturais envolvem as redes sociais? O que é bem visto socialmente e o que não é bem visto socialmente? Que comportamentos esse aluno, especialmente adolescentes, poderia adotar nas redes sociais? Que cuidados se deve ter? Como é que eles podem avaliar informações obtidas por meio das redes sociais? Como é que eles podem produzir também conteúdo para redes sociais? Portanto seria envolver uma reflexão sobre como usar, por que usar e de que modos, e não simplesmente alguma coisa mais mecanicista, como eu falei na primeira questão. Algumas pessoas ainda pensam que é certo. Então isso seria mais ou menos, a meu ver, como a escola pode desenvolver esse letramento crítico e que estaria em consonância com o que Lévy fala. Ele faz essa proposta em 1999, embora não use o termo letramento, mas ele está discutindo muito sobre o impacto dessa cibercultura em nossas vidas, e esse impacto é sentido hoje muito fortemente, especialmente, quando a gente compara os comportamentos das pessoas dez anos atrás, ou vinte anos atrás, quando Lévy propôs escrever os textos dele. Então, a gente vê que, realmente, hoje é uma cultura digital, mas nem sempre os nossos jovens ou os nossos adultos sabem ainda como lidar com essa cultura digital. Então esse letramento seria esse aspecto crítico que envolve essa cultura digital, como avaliar essa cultura ao nosso redor e saber usá-la para atender as nossas necessidades.

**Segundo a competência 7 da BNCC da área de linguagens e suas tecnologias, os jovens precisam ter uma visão crítica, ética e estética, e não somente técnica das TDIC e de seus usos, para selecionar, filtrar e compreender e produzir criticamente sentidos em quaisquer campos da vida social. Nesse sentido, de que forma(s) o professor de Língua Portuguesa pode atuar para o desenvolvimento da competência e da formação de leitores proficientes?**

Na verdade, a gente não tem uma receita pronta. Isso é, inclusive, uma coisa que se precisa

trabalhar. Eu, pessoalmente, sinto falta disso. Muitas vezes, a gente discute o letramento digital, mas a gente ainda não tem pensado sistematicamente em um modelo didático, um modelo pedagógico, por exemplo, que possa orientar professores. Nós temos alguns trabalhos que tentam direcionar isso, dizendo mais ou menos que tipo de reflexão o professor pode ter, mas a gente não tem ainda uma coisa consolidada mesmo. A própria BNCC não nos diz isso. Ela nos dá sugestões, mas nós não temos, assim, algo que diga ao professor, especialmente aquele professor que ainda não sabe lidar com isso, aquele professor que ainda está, digamos assim, que se acha ainda um estranho ou desconfortável com essas tecnologias, que é ainda um imigrante digital, nas palavras do Prensky. Então, para esse professor, pelo que sinto, ele precisa, muitas vezes, de modelos consolidados, modelos referenciados, ele precisa de instruções. O que eu tenho que fazer com os meus alunos? Todo mundo diz que eu tenho que colocar o computador na sala de aula, todo mundo me diz que eu tenho que levar à reflexão, mas exatamente de que forma isso tem que acontecer? Infelizmente, para isso, não existe ainda um modelo. Uma coisa que nós precisamos enquanto estudiosos da área é refletir, trabalhar e fazer propostas, mas lembrem que esses modelos não são simplesmente adotados, eles precisam ser testados, verificados. Fazendo propostas aos poucos, ele vai sendo consolidado. Atualmente, no nível em que nós estamos ainda nas discussões sobre letramento digital, eu não percebo esse modelo ainda claramente delineado. Pelo menos, não algo que possa ajudar os professores, especialmente os professores que estão tentando inserir tecnologias pela primeira vez na sala de aula e que não têm ainda uma direção. Não existe essa direção ainda. O que nós podemos fazer aos poucos é propor. Então, por isso, é importante a troca de experiências, a reflexão entre os professores, porque aí é o que um tenta, o que o outro tenta, aos pouquinhos, com um relato de experiência aqui, um relato de experiência acolá, um teste, uma pesquisa que funcionou, uma pesquisa em outra coisa que não

funcionou, uma pesquisa com outra coisa que não deu tão certo com um grupo de alunos. Assim é que a gente vai, aos poucos, construindo essa ideia e esses modelos didáticos pedagógicos de como, talvez de forma eficiente, inserir esse letramento na sala de aula e de forma prática, para que o professor que já conhece, muitas vezes, a teoria possa ver a prática. O que pode ser feito em relação a isso? Que atividades com celular podem ser incorporadas em sala de aula para desenvolver certas habilidades? Por exemplo, que atividades podem ser incorporadas para desenvolver habilidades de escrita, atividades de leitura? Nós não temos, ainda, infelizmente, um modelo claro sobre isso. Nós temos um trabalho em andamento. Várias pessoas têm pesquisado – e cada vez mais – sobre os letramentos digitais. O fato de a BNCC deixar isso bem explícito já é uma grande contribuição, porque as pessoas parecem ter acordado. Muita gente que ainda estava relutante, ou que parecia achar que isso não é algo tão urgente, com a BNCC, isso parece que, para muitos, serviu como uma sineta. As pessoas então perceberam um alarme: "olha! Há essa necessidade mesmo, isso é realmente uma coisa real e uma coisa que tem sido incentivada e uma necessidade reconhecida pelas atuais políticas educacionais". Então, pode ser que, com isso, esses modelos venham mais rapidamente, essas tentativas, esses estudos, já que o número de pesquisadores interessados nessa área tem crescido bastante. Eu espero que isso aconteça o mais breve possível, mas, por enquanto, eu não tenho uma resposta "fechadinha", definida, "redondinha", que eu possa dizer como é que a gente pode trabalhar com isso sala de aula.

### **Na sua concepção, o que caracteriza um leitor proficiente?**

Vou tentar generalizar para todos os âmbitos: o impresso e o digital. Pela própria história dos estudos de leitura, também de letramento e de alfabetização, a gente sabe que, durante muito tempo, se achava que o leitor proficiente era aquele que poderia decodificar, aquele que era

capaz de decodificar, e hoje nós sabemos que não é isso. Decodificar não leva à proficiência em um sentido mais amplo. Proficiência, aqui, estou chamando aquele leitor que é capaz de fazer várias coisas, de desenvolver diversas competências e habilidades em relação aos textos, e textos, aqui, também não estou chamando somente de textos verbais. Estou chamando de textos em sentido múltiplo: textos visuais, textos verbais, textos multimodais que mesclam as duas coisas, textos táteis, entre outras coisas. Uma visão multiletrada, na verdade, do que é texto. Durante muito tempo, se achava que ler proficiente era ser capaz de decodificar. Hoje sabemos que não é. Então o leitor proficiente vai além da decodificação. Ele é aquela pessoa que, muitas vezes, decodifica o texto, mas ele está concentrado no uso prático e social daquela informação que está no texto. Então não é só encontrar letras, não é ler letras, não é só olhar para imagens e identificar imagens, mas saber avaliar criticamente essa imagem e saber julgá-la, saber avaliar e medir as consequências, saber pensar sobre ela e produzir também algo sobre essa imagem ou sobre esse texto verbal. A gente também acha que o leitor proficiente, que leitura e escrita, que recepção e produção são habilidades diferentes, mas elas estão muito relacionadas. Então um leitor proficiente, a meu ver, não é somente a pessoa que lê, mas é aquela pessoa que lê e que sabe produzir algo a partir da sua leitura. A própria ideia de letramento deixa isso bem claro para a gente. Letramento não é ser passivo, letramento é ser um ser ativo, ser um agente social. Se eu simplesmente sou capaz de ler, mesmo que seja capaz de avaliar a informação, mas eu não sou capaz de produzir nada com isso, de gerar nada, de gerar nenhum produto, então como é que eu vou ser um ser ativo? Eu continuo sendo um ser passivo. Então, na minha concepção, leitor proficiente é aquele que decodifica, é aquele que consegue atribuir sentido, é aquele que consegue avaliar criticamente e é aquele que consegue produzir novos conteúdos a partir daquilo que leu. Então seriam mais ou menos quatro aspectos ou quatro habilidades que envolvem a leitura proficiente:

decodificação, atribuição de sentido, julgamento crítico e produção. Seriam quatro aspectos relacionados e se aplicariam a todo e qualquer tipo de texto, não somente aos textos tradicionalmente verbais. Então, por exemplo, ser um leitor proficiente na leitura de imagens é também saber fazer isso: é olhar para uma imagem e identificar que elementos a compõem, e aí nós teríamos uma série de elementos, como cores, tamanhos, formatos, posições de elementos na imagem, e isso corresponderia à decodificação, e atribuir sentido como segundo elemento – descobrir o que cada um desses fatores significa, julgar criticamente essa imagem, avaliar essa imagem, se ela é realmente relevante, que ideologias estão atrás dela, o que ela quer dizer, o que que ela sugere, se ela tenta convencer e daí por diante. E saber, a partir disso, produzir outros textos para se colocar no mundo, para se manifestar, nem que sejam textos de opiniões ou novas imagens, textos verbais a partir de uma imagem. Enfim, produzir algo a partir do que se leu. Isso, para mim, é ser leitor proficiente.

### **Como você analisa a contribuição da Teoria dos Multiletramentos para o ensino da leitura nas escolas?**

É preciso tratar desse tema com um pouco mais de cautela. Eu reconheço que a Linguística textual tem mudado bastante. Então ela é uma teoria que não é mais a Linguística textual de vinte anos atrás. Até vinte anos atrás, não tínhamos o texto visto como algo multifacetado da forma que é hoje. Quero deixar isso bem claro: a Linguística textual surgiu, essencialmente, como a teoria do verbal. Em tese, na sua origem, ela não tinha muita relação com os multiletramentos, a não ser quando esse letramento, por exemplo, o letramento digital, que trazia textos digitais, mas os textos continuavam sendo verbais. Gradualmente, a Linguística textual passou ou passa a incorporar novos conceitos. Nós temos trabalhos muito relevantes, muita gente hoje em dia que adota a Linguística textual, que adota uma perspectiva multimodal, ou que adota uma perspectiva

multiletrada, mas é preciso reconhecer também que isso não é unanimidade, que isso não é um consenso comum dentro da área. Ao mesmo tempo em que nós temos trabalhos, digamos, inovadores, nesse sentido, de pesquisadores que tentam buscar novos caminhos para a Linguística textual, muitas vezes, aplicando as categorias do verbal nas análises imagéticas, ainda temos também muitas resistências. Para algumas pessoas, o texto continua sendo primordialmente verbal, ele continua sendo monomodal. A imagem seria somente um elemento secundário, muitas vezes, não digno de análises. Então, ainda há, pelo menos como vejo, uma certa resistência dentro dos estudos da Linguística textual para essa incorporação da imagem ou de outras formas de textos na área de estudo. Ainda há uma necessidade de que se repense mesmo esse conceito de texto tal como adotado pela Linguística textual. Claro, aqui reconhecendo o trabalho já de muitos pesquisadores que se inserem na Linguística textual, que se identificam com ela, mas que não têm se limitado ao estudo do texto verbal. Isso então é uma tendência crescente. A Linguística textual tal como está vem contribuindo para a leitura de textos à medida que ela tem se transformado. Ela deu, quando surgiu, um grande salto para que a gente entendesse a comunicação humana pelo viés do texto, então a comunicação humana passa a se manifestar por meio de textos, mas, ao mesmo tempo, eu sinto a necessidade de que ela, uma vez feito isso, passe a se ampliar ainda mais e a reconhecer que essa comunicação humana não se dá primordialmente ou somente por textos verbais. Uma vez que isso aconteça, e há uma tendência para isso, eu vejo que a teoria tem muito a contribuir ainda mais para o ensino de leitura nas escolas. Quanto aos multiletramentos, que é uma proposta dos anos 1990, vai dizer para a gente que o ensino não pode focar somente em um aspecto da comunicação humana, que seriam aspectos da escrita, que é o tradicional. Os multiletramentos vêm dizer para a gente que o letramento, na verdade, o lidar com textos, o lidar com a linguagem, ele se dá de formas amplas e variadas, e isso precisa ser inserido nas escolas.

De novo a ideia de que a gente, na escola, precisa tratar de situações reais de língua. Uma língua real, autêntica, usada pelas pessoas. Não adianta a gente ficar analisando uma língua idealizada ou somente um aspecto dela e dizer que a gente está ensinando o nosso aluno a entender os fenômenos linguísticos em sua complexidade. Não estamos! Porque, se a gente só foca, por exemplo, no texto verbal como elemento de estudo, a gente deixa para trás uma série de outros elementos que fazem parte da comunicação desses alunos no dia a dia, ou seja, nós não os preparamos para que eles possam usar de forma crítica ou letrada esses textos. Então os multiletramentos têm feito essa proposta. A relação entre Linguística textual e multiletramentos, como eu acabei de descrever, a meu ver, ainda é um tanto conturbada, porque nós temos uma tendência emergente na Linguística textual de comparação de outras formas de texto e uma amplificação desse conceito de texto, mas, ao mesmo tempo, nós temos ainda a resistência, o que é natural. É uma mudança de paradigmas, então eu vejo essa relação ainda como incipiente, mas que é muito, muito promissora, uma vez que a própria Linguística textual, por meio das pessoas que se dedicam a ela, possa, aos poucos, incorporar, cada vez mais, as novas perspectivas de texto e passar a tratar a linguagem de uma forma mais ampla e não só restrita a certas manifestações da linguagem.

---

### **Leidiane Maria Magalhães Nascimento**

Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil; professora da Secretaria de Educação e Cultura (Seduc-Ma), em Dom Pedro, MA, Brasil.

---

### **Lígia Alencar Pacífico Barreto**

Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil.

---

### **Juscelino Francisco do Nascimento**

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), em Brasília, DF, Brasil; professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Picos, PI, Brasil.



---

### Endereço para correspondência

Leidiane Maria Magalhães Nascimento

Lígia Alencar Pacífico Barreto

Juscelino Francisco do Nascimento

Universidade Federal do Piauí

Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Rua Cícero Duarte, 905

Junco, 64607670

Picos, PI, Brasil